

O CINEMA CAMBUQUIRENSE: AUTORES, IDENTIDADE CULTURAL E PERTENCIMENTO

Ananda Maria Alves GUIMARÃES¹

Resumo: Estância hidromineral, a cidade de Cambuquira teve perfil turístico e elitizado até meados do século passado, quando se iniciou um período de decadência financeira que modificou seu contexto. Desde 2005 o audiovisual cambuquirense passa por transformações impulsionadas por uma mostra de filmes de curta-metragem, e nesse período um grupo de autores audiovisuais se formou. Questões sobre reafirmação de identidade e pertencimento foram apresentadas à comunidade através de seus curtas. Este artigo procura identificar a potencialidade do audiovisual como processo de transformação na relação que os cambuquirenses estabelecem com a sua tradição.

Palavras chave: Cambuquira. Audiovisual. Identidade. Cultura Popular. Tradição.

Introdução

Cambuquira está situada ao sul de Minas Gerais, no Circuito das Águas. Recentemente, o cenário audiovisual da cidade passou por transformações: entre 2006 e 2011 foram produzidos cerca de 17 filmes cambuquirenses, em sua maioria curtas-metragens. O conteúdo desses filmes e a fala de seus autores podem ser observados a princípio como reflexo de uma identidade local, ou ainda mais adiante, como proposta de reflexão sobre o contexto através da cultura popular.

Para compreender de que forma o audiovisual opera na cultura cambuquirense, partimos da perspectiva de cultura popular de Stuart Hall (2009, p. 232): “A cultura popular não é, num sentido ‘puro’, nem as tradições populares de resistência a esses processos, nem as formas que as sobrepõem. É o terreno sobre o qual as transformações são operadas”.

As artes se manifestam nesse terreno de conflito de trocas humanas e têm o poder de reinterpretar o contexto sob outros pontos de vista. O cinema esteve ao longo de sua história entre questões desencadeadas sobre a arte cinematográfica, o potencial instrumento de dominação de

¹ Pós-graduada em Mídia, Informação e Cultura pelo Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação da Universidade de São Paulo. Bacharel em Imagem e Som, com habilitação em produção audiovisual pela Universidade Federal São Carlos – UFSCar. Email: anandaalvesguimaraes@gmail.com.

massa e também como proposta de resistência política e cultural. Tais características não são excludentes, mas a somar nesse panorama, o recente processo de democratização dos meios de produção audiovisual atribui ao cinema outro viés por meio de novas perspectivas e funções de expressão artística e social a grupos ou indivíduos que antes estavam à margem do processo de produção. Diante desta nova característica, ampliam-se as possibilidades de ressignificar a cultura em busca da própria identidade através do audiovisual aplicado a um contexto local.

Martin-Barbero (2009, p. 206) afirma que os elementos da gramática cinematográfica, os gêneros e o melodrama, propagados por *Hollywood* transformaram o cinema em uma “linguagem ‘universal’ e o primeiro meio massivo de uma cultura transnacional”. A partir deste reconhecimento da universalidade hegemônica do cinema, a linguagem é facilmente apropriada pela cultura popular, e comunidades como a de Cambuquira, fazem uso dela como expressão ativa e potencialmente transformadora.

O cinema medeia vital e socialmente na constituição dessa nova experiência cultural que é a experiência popular urbana: será ele sua primeira “linguagem”. Para além de seu conteúdo reacionário e do esquematismo de sua forma, o cinema vai ligar-se às massas por se fazerem visíveis socialmente. E vai se inscrever nesse movimento dando imagem e voz à “identidade nacional” (MARTIN-BARBERO, 2009, p. 236).

Partindo da hipótese de que o perfil da produção audiovisual cambuquirense recente retrata e pode ressignificar identidades que entram em contato com novas linguagens e suas características no retrato mais amplo da relação da comunidade com sua cultura, serão analisados os filmes e, principalmente, o discurso dos autores através de entrevista semi estruturada, a fim de compreender como as relações entre cultura popular e cultura hegemônica se estabelecem neste terreno de conflito.

A caracterização dos novos realizadores audiovisuais cambuquirenses enquanto atores culturais foi construída com base na abordagem às vezes contemplativa e outras crítica em relação à sua condição no contexto da comunidade. Teriam tais autores a pretensão de desempenhar um papel transformador naquele contexto? Ou o anseio por se expressar

cinematograficamente os atrai pela possibilidade de alcançar notoriedade local?

Este fenômeno da formação de um grupo de autores audiovisuais é uma resposta do público cambuquirense ao projeto Mostra Audiovisual de Cambuquira (MOSCA), mostra de curtas-metragens que se tornou interlocutora do processo, na medida em que exhibe e coloca em debate os curtas em questão. Em seis edições, 12 curtas cambuquirenses foram exibidos. O primeiro deles, *Na Companhia de Caronte* (2006), foi premiado pelo Júri Popular como Melhor Curta Experimental, em competição com outros onze exibidos na categoria. O curta foi ovacionado pelo público e, portanto, apropriado pela comunidade. A equipe realizadora continua em atividade e outras iniciativas de produção se manifestaram em seguida no cenário local.

1. Cambuquira

Cambuquira é uma cidade de 102 anos e possui 12.658 habitantes. Estância hidromineral, viveu seu apogeu turístico entre as décadas de 1920 e 1940. Além de atrativos sociais como cassinos, hotéis sofisticados e o balneário, a água mineral foi referência como método de tratamento medicinal, o que fazia os visitantes passarem longas temporadas na cidade. Após 1946, com a proibição dos cassinos pelo governo Dutra, o turismo de elite começou a decair e até a década de 1960 manteve-se um turismo familiar com perfil de classe média. A construção da Rodovia Fernão Dias (1961), facilitou o acesso à estância, implicando na redução do tempo de estadia das famílias na cidade. A inaptidão dos hotéis à nova realidade gerou um segundo capítulo de queda do turismo. O local antes sofisticado e frequentado por presidentes da República (Marechal Deodoro, Floriano Peixoto, Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Café Filho, General Castelo Branco) e celebridades (Mazzaroppi, Carmem Miranda), não se desenvolveu economicamente do ponto de vista industrial ou turístico e passou a ser considerado um local de poucos atrativos, inclusive pelos moradores. O contraponto está nas paisagens, na mata e nas fontes de águas minerais naturalmente gasosas.

Com a decadência do turismo e da própria elite local, o terreno onde se estabelece a cultura popular sofreu modificações. Stuart Hall contribui para a compreensão do fenômeno ao

definir o termo “popular”, considerando:

[...] em qualquer época, as formas e atividades cujas raízes se situam nas condições sociais e materiais de classes específicas; que estiveram incorporadas nas tradições e práticas populares. [...] Mas vai além insistindo que o essencial em uma definição de cultura popular são as relações que colocam a ‘cultura popular’ em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante (HALL, 2009, p. 241).

A “tensão contínua” a que se refere o autor pode ser analisada através das contradições entre os elementos da cultura popular e da cultura dominante local. Cambuquira conserva traços do passado que vão desde a herança de hábitos da elite, até a discussão sobre a existência de um quilombo que teria originado a cidade, onde é o bairro do Congonhal. Já a Lavra é o bairro de origem da maioria das manifestações populares como a Congada, a Folia de Reis e a Capoeira, assim como do primeiro prefeito cambuquirense negro, eleito em 2009, filho de líderes da Festa da Congada. A Romaria para Aparecida do Norte é uma das pioneiras de Minas Gerais, e seu líder já completa 102 anos.

Parte da população vivenciou o percurso da decadência econômica cambuquirense. Popularmente dizem que Cambuquira é a “cidade do já teve”. A nova geração, embora reproduza comentários derrotistas, com referência ao padrão hegemônico da elite cultural, questiona a ideia da dependência de um fator externo para o desenvolvimento da cidade. Por questões políticas, a água mineral ficou seis anos sem ser engarrafada. Em 2011, o processo foi retomado por uma empresa estatal e a água lançada no mercado.

Este período da história se intercala com a Mostra Audiovisual de Cambuquira (MOSCA), que teve início em 2005. Nestes sete anos, os debates após as sessões mesclaram questões relacionadas a narrativa cinematográfica com discussões sobre decadência e práticas culturais da cidade. A mostra passou a atrair público de diversas faixas etárias: idosos que voltavam à antiga sala de exibição do Cine Elite, crianças (muitas nunca tinham ido ao cinema) e os jovens que rapidamente se tornaram frequentadores cúmplices.

2. O histórico do audiovisual em Cambuquira

O audiovisual em Cambuquira possui um histórico cronologicamente significativo. A primeira sala de exibição, o Teatro Thalía, foi inaugurada em 1904 quando Cambuquira ainda pertencia ao bispado de Campanha, e demolida em 1920. Passando de um investidor a outro, a sala de cinema tentou se estabelecer em seis locais diferentes. Em 1938, Braz Ponzó e seu filho Annunziato Ponzó iniciam a construção do prédio do Cine Elite na Rua Direita. Na sala de exibição, a lanterninha era a própria proprietária, Benedita Ponzó, ou Dona Benedita, como era conhecida, esposa de Annunziato Ponzó, sendo que ambos também eram donos do Cassino Elite.

O Cine Elite fechou as portas no início dos anos 1980. Em documentário produzido em 2007 pelos alunos da oficina da MOSCA, Dona Benedita conta que se viu obrigada a fechar devido à escassez de público, fenômeno que aconteceu em muitas cidades após a popularização do video-cassete. No local funcionaram outros estabelecimentos comerciais, mas apesar de algumas interferências, a arquitetura *Art Déco* da fachada foi mantida. Em 2001 o local foi revitalizado como espaço cultural pela iniciativa privada e é sede da MOSCA. Desde 2010, funciona ali semanalmente o Benedita Cineclube, criado para atender a solicitação do público pela permanência do efeito da mostra durante o ano todo.

Levantando o histórico da produção cinematográfica realizada na cidade, encontra-se cinco produções em película 35mm catalogadas pela Cinemateca Brasileira. Exceto o longa-metragem ficcional *Amélia* (Ana Carolina, 2000), todos são documentários em curta-metragem do período áureo cambuquirense: *A Estação Hidromineral de Cambuquira* (Alberto Botelho, 1913); *Cambuquira* (Sonofilms S.A, 1937); *Nas Montanhas Mineiras - Cambuquira* (Filmoteca Cultural Ltda., 1937) e *Cambuquira* (Luiz Renato Brescia, 1945).

O filme de Luiz Renato Brescia é parte significativa da história cinematográfica de Minas Gerais. Os Estúdios Cinematográficos Brescia teriam produzido o longa-metragem épico *Nos Tempos de Tibério César* (Ettore Brescia, 1957), na vizinha cidade de Três Corações. Segundo narra o produtor em passagens do livro *Como Fiz Cinema em Minas Gerais* (1986), algumas sequências teriam sido rodadas nas estradas de Cambuquira.

É conhecido ainda que *O Esporte em Marcha*, cinejornal da Aliança Cinematográfica Brasileira S.A., dirigido por Mário Filho e produzido por Milton Rodrigues, registrou os Jogos Olímpicos de Cambuquira nos anos de 1948 e 1949. Em 2009, ano do centenário da cidade, Marco Antônio Rezende, um dos autores audiovisuais atuais, apresentou na MOSCA o material de arquivo deste cinejornal. Segundo ele, outros filmes teriam sido realizados em Cambuquira pelo alemão Rafael Lero, que costumava exibí-los no Cine Elite. Um desses filmes teria ficado inacabado e Marco Antônio atualmente sonoriza e finaliza a obra em meio digital (Entrevista concedida em 10/11/2011).

Após evolução tecnológica do suporte analógico para o digital, os anos 2000 caracterizam-se pelo processo de democratização do acesso aos meios de produção audiovisual, e consequente ampliação de pontos de vista e formas de abordagens na construção de significados. O atual audiovisual cambuquirense e a MOSCA existem em consequência de tal fenômeno. Sendo assim, este cinema pode ser identificado como instrumento de mediações no terreno da cultura popular.

3. Audiovisual, identidade e tradição

A identidade de uma sociedade é uma construção complexa, na qual os sujeitos desempenham múltiplos papéis e circulam entre diferentes esferas, domínios e níveis sócio-culturais, agregando experiências variadas e contraditórias. A ação social é sempre desempenhada por sujeitos que, dentro do campo sócio-cultural, tomam decisões, fazem escolhas e formulam projetos.

Fatimarlei Lunardelli

O que narram os realizadores dos filmes de Cambuquira em questão? Suas angústias pessoais, o embate com a comunidade e a diversidade (im)possível ali, a nostalgia de uma era de ouro, a falta de atitude, a cultura popular, a cultura pop e a cidade em si. Visto que Cambuquira foi até o momento um personagem importante, a reafirmação de identidade e o apego ou crítica às raízes se faz presente através do audiovisual.

Até 2010 apresentaram-se na mostra três grupos principais de realizadores. O grupo

pioneiro é encabeçado por Alexandre Felix, Delson Robson, Gabriel Lemes e Marcelo Britto. As outras duas iniciativas principais de produção são de Marco Antônio Rezende e Raoni Castro. Todos os autores são jovens entre 20 e 25 anos, exceto Marco Antônio, de aproximadamente 60, que realiza um trabalho mais descritivo sobre a cidade, baseado num apaixonado resgate histórico de tom nostálgico.

No próprio grupo de autores, há divergências em relação à forma de enxergar Cambuquira. Alguns anseiam pelo progresso e de que forma isso deve acontecer é uma discussão recorrente que pode ser identificada com mais ênfase na fala de Alexandre e Marcelo. Outros citam a cidade como local idílico, bom para filmar pelo sossego e baixo custo, segundo Raoni. Ou perfeito para apaziguar o “caos interno”, segundo Delson:

[...] eu odeio quando falam: ‘Cambuquira não cresce, não vai pra frente.’ Ir pra frente de que? Pra que? Se tiver 20, 50 mil habitantes aqui, vai ficar um...nada a ver (sic). O que tem que desenvolver aqui é o que tem, é a cultura daqui que é riquíssima, não precisa de fábricas. Dá emprego para os pais de família que tem aqui e tá ótimo. Não precisa atrair gente de fora não. [...] Eu vi lá fora que você pode ter oportunidades, mas você paga um preço alto por isso. Aqui você ganha [...] como meio de vida, vivência, bem estar natural. E eu sou completamente caótico, então Cambuquira é uma terapia pra mim, isso em cidade caótica, explode, aqui o meu caos é controlado. (Entrevista concedida em 26/10/11)

O que a princípio pode se caracterizar como uma relação conservadora por manter a ordem como está, ao mesmo tempo não coloca o passado da cidade enquanto referência, e se relaciona com a cultura popular enquanto cultura primeira, e não com a cultura elitista ausente.

O cinema se apresenta historicamente como um elemento importante da cultura e identidade local, e por este motivo, a MOSCA é vista como precursora de uma “retomada cultural”. Simultaneamente a esse processo, manifestações da cultura popular que caracterizam a cidade são retratadas pela cinematografia recente. Para localizar tais referências do próprio significado de cultura e dentro delas o cinema, frente ao histórico cambuquirense, parte-se do conceito de tradição de Hall (2009, p. 243), e sua relação com a cultura popular:

A tradição é um elemento vital da cultura, mas ela tem pouco a ver com a mera persistência das velhas formas. Está muito mais relacionada às formas de associação e articulação dos elementos. Esses arranjos em uma cultura nacional-popular não possuem uma posição fixa ou determinada, e certamente nenhum significado que possa ser arrastado, por assim dizer, no fluxo da tradição histórica, de forma inalterável.

O conceito de Hall é pertinente para questionar as raízes e objetivos do cinema cambuquirense atual e do seu diálogo com a cultura local. Diante do processo de reafirmação de identidade, de que forma os autores cambuquirenses estariam visualizando e associando os elementos de sua tradição com seu contexto? Coutinho descreve duas abordagens da tradição, a concepção metafísica (definida como tradicionalismo) desconsideraria “a práxis criadora pela qual o homem transforma ativamente a realidade sócio-cultural” (HALL, 2009, p. 86). No entanto, a sua contraposição à concepção dialética indica caminhos a esta observação:

[...] a compreensão da cultura como ‘tradição’ – termo em que coexistem a ideia de **processo** e de **acervo** (ou patrimônio) – sugere uma perspectiva dialética de abordagem do fenômeno cultural. Essa perspectiva envolve a consideração de que o processo de transmissão das formas do passado, ao contrário do que desejariam os tradicionalistas, é uma atividade humana **criadora**, e de que o patrimônio transmitido, longe de ser um objeto natural ou uma revelação divina, é uma objetivação da ação humana (HALL, 2009, p. 87).

A água mineral, divinizada por se tratar de um fenômeno natural, cumpre o papel de referência principal da identidade cambuquirense. A identificação baseada na água passa por um raciocínio tradicionalista no qual o homem não interfere. Por Cambuquira ser um local contraditório, inclusive na estrutura das relações de poder, essa identidade tradicionalista parece não bastar, gerando uma sensação de insuficiência, descrita por Delson como “espaço vago”:

As pessoas de Cambuquira tendem a reclamar muito que não vai pra frente, não tem nada, falam espontaneamente. Ao mesmo tempo que existe um amor, existe um sentimento, um espaço vago, que parece que as pessoas precisam preencher. E esse espaço vago, ele não é raso, não é que a pessoa é superficial, pelo contrário, parece que a pessoa é profunda, mas ela quer preencher com alguma coisa essa profundidade, e eu não sei se ela sabe o que é, se elas acham que é o turismo, algo que se perdeu. [...] O que falta aqui é mudar o perfil do que

realmente está faltando em Cambuquira. [...] Se é que está faltando, não é turista, porque a gente não depende mais de turista [...] Falta essa intervenção de mudar que nem aconteceu aqui com o cinema. (Entrevista concedida em 26/10 /11).

Ao mesmo tempo que o padrão da mudança esperada pela maioria é conservador, baseado na ideia do turismo do século passado, a concepção dialética da tradição praticamente se impõe para o entendimento e vivência das relações da cultura local, caracterizada atualmente por um desejo de transformação.

4. O cinema cambuquirense atual e seus autores

Assim como a cidade, o cinema é protagonista na fala dos autores. Através dele, é possível manifestar amor, transgredir as regras, se reconhecer cidadão, e conseqüentemente propor mudanças. Segundo a historiadora Sandra Pesavento, “identidade é a construção simbólica que elabora a sensação de pertencimento, propiciando a coesão social de um grupo, que se identifica, reconhece e classifica como de iguais ou semelhantes” (PESAVENTO, 1998, apud LUNARDELLI, 2008, p.124). Daí a força do Prêmio do Júri Popular logo na exibição do primeiro curta cambuquirense em 2006. A votação, prática recorrente em festivais de cinema que estabelece interação objetiva entre filmes e espectadores, vinculou *Na Companhia de Caronte* ao grupo ao qual ele se apresentava. Nos anos seguintes, os curtas cambuquirenses tiveram novamente votações expressivas, *Homeostase* (2007) e *Chão e Fé* (2009) foram eleitos melhores curtas da mostra, e não apenas em suas categorias. A identificação gerada especialmente por estes dois filmes (nos quais a cidade é elemento fundamental da narrativa), reafirma a troca entre a cultura cotidiana e o cinema, caracterizando o público sob um aspecto em comum. Lunardelli define: “Pertencimento diz respeito à identidade, que é sempre referencial, só pode ser designada em relação ao outro, é múltipla, feita de contradições, rupturas, fragmentos, desvios que acabam constituindo uma unidade” (2008: p. 148). A relação dos autores com “o outro” é também influenciada pelas suas experiências em outros locais, de onde parecem tentar ressignificar o ser cambuquirense. Ao ser questionado se existiria um ponto de diálogo entre os filmes produzidos,

Alexandre fala sobre pertencimento em sua observação:

Eu acho que é o lance de falar de Cambuquira, o cambuquirense tem muito disso, de chegar e levar Cambuquira nas coisas que faz. Não acho que seja só uma coisa minha, dos caras que eu ando, ou do Marquinhos [outros autores audiovisuais]. [...] Eu já ouvi pessoas falarem que isso é legal, e também que tem que tomar cuidado, [...] porque fica muito preso. Mas acho que é uma coisa de cambuquirense mesmo. Não conheço pessoas de outras cidades, mesmo vizinhas, que tenham esse amor pela cidade [...]. Porque eu tenho orgulho da cidade, sem dúvida tenho. De Cambuquira, da história, de estar aqui, de respirar esse ar, de ter o céu que tem, só que essa parada toda é meio entorpecente também. (Entrevista concedida em 26/10/11)

Pelo grupo realizador pioneiro, foram produzidos cinco curtas, todos inscritos na MOSCA. *Na Companhia de Caronte* (2006), de Alexandre Felix e Delson Robson, premiado pelo Júri Popular como Melhor Curta Experimental, utiliza a figura mítica do barqueiro para tratar de vida e morte num tom sombrio e crítico. Segundo Alexandre, o curta é um devaneio, no qual eles pretendiam ter uma postura em relação ao mundo e que “acabou se tornando uma espécie de elogio à loucura”. No entanto, o mais significativo aqui no surgimento desses autores é que ter um filme aplaudido na mostra mudou a caracterização do grupo na comunidade. Alexandre ao descrever o processo comenta: “Éramos tachados como pessoas sinistras”. Mas a aceitação do público ao curta o impressionou: “Acabei descobrindo que a gente queria ser aceito, talvez. E ali a gente foi aceito naquela hora. Deu um bem estar, uma satisfação” (Entrevista concedida em 26/10/11).

O segundo curta dirigido por Alexandre é *Cris Minha Cruz* (2006), autobiográfico, marca o posicionamento dele enquanto autor audiovisual e a definição do grupo no espaço recém conquistado. A continuidade foi importante para que a atitude do ano anterior não fosse em vão.

Não sei se posso falar por eles, mas tinha uma questão: estamos representando Cambuquira aqui, e não podíamos perder isso de forma alguma [...]. Então como nasceu de amor, de ideologia, e como tinha essa parada de representar Cambuquira na MOSCA [...] a gente viu que era uma espécie de exigência da cidade, então a gente tinha que fazer. (Alexandre Felix. Entrevista concedida

em 26/10/11)

Homeostase (2007), foi dirigido por Gabriel Lemes, que o define como um filme que “fala da vida e da morte, do ciclo da existência” (Entrevista concedida em 2/11/11). Segundo a equipe, a surpresa das pessoas foi ver uma Cambuquira estetizada na tela, tão bonita que nem os próprios moradores percebiam exatamente. Alexandre tenta explicar a forte apropriação do filme pelo público através da identificação:

A história é muito comum aqui na cidade, daquele que nasce em Cambuquira e tem que sair, pois quer ver o que tem além da porteira, mas acaba voltando por causa da raiz. Em Juiz de Fora este filme é adorado. Porque falam sobre isso, e também porque eu vou pra Juiz de Fora, fico falando de Cambuquira lá por 4 anos [...]. Então acharam que tinha muito a ver comigo a história do sair e voltar, [...] sair mas estar preso à essência (Entrevista concedida em 26/10/11).

Os autores entrevistados citam também *Homeostase* como uma evolução nos métodos de produção, edição e interpretação. Marcelo Britto, que interpreta o protagonista, considera que foi um “grande salto” para seu aprendizado por sentir a responsabilidade da narrativa apoiada no diálogo. No entanto, questiona o prêmio recebido pelo público, mas acaba justificando que o pertencimento é significativo na exibição da obra em Cambuquira: “[...] Até que ponto votaram na gente porque realmente foi o melhor filme, melhor roteiro, ou o que mais emocionou? Acho que o que mais emocionou pode até ser pela proximidade [...]” (Entrevista concedida em 28/10/11).

Em Uma Tarde de Abril em Cambuquira (2009), é o primeiro documentário de Alexandre. O autor exalta a beleza local, e através da atmosfera da cidade faz uma assumida provocação à população. Delson ajudou no filme, mas discorda da própria crítica. Para Alexandre, o filme era sobre o que mais defende, a agilidade em propor algo pela cidade: “[...] a ideia era essa, não sei se consegui passar isso: ‘Vamos! Agiliza! Cada um na sua, mas faça alguma coisa. Você não sabe, mas experimenta cinema, experimenta música, artesanato, qualquer outra coisa’ [...]”. O autor entende que o filme não foi compreendido, já que recebeu elogios (Entrevista concedida em 26/10/11). É como se os espectadores tivessem se identificado a ponto

de assumir o discurso para si.

Chão e Fé (2010), de Gabriel e Alexandre, atraiu para a estreia na MOSCA espectadores participantes da Romaria que nem sempre frequentavam a mostra. Os diretores fizeram o percurso de Cambuquira à Aparecida do Norte com os romeiros. O filme teria sido motivado por uma necessidade de registrar a manifestação popular. O Sr. Arnaldo, líder e pioneiro, completara 100 anos e a Romaria estaria se descaracterizando, muitos vão apenas pela aventura. Por não serem religiosos, os diretores propuseram dar um “caráter imparcial” ao documentário, mas durante o trajeto notaram que seria impossível ficar alheio.

No final não saiu tanto assim, porque tem o nosso olhar sobre a coisa. Acabamos sendo romeiros daquela vez, fomos andando. Tinha uma kombi, mas 85% do caminho fomos caminhando com eles, até porque tínhamos que andar e sentir a bolha no pé, a dor nas costas, e dormir e comer no mesmo lugar que eles, pra fazer o filme que queríamos fazer (Alexandre Felix. Entrevista concedida em 26/10/11).

O próprio objeto a ser retratado se manifestou na prática da filmagem e os fez perceber o que significava acompanhá-lo enquanto autores. No último curta finalizado até o momento pelo grupo, a reverência à cultura popular local se manifesta, e a partir disso a comunicação com um público maior se estabelece. Delson, que não trabalhou na equipe, comenta:

[...] depois do *Chão e Fé* [...] o povo fala com a gente na rua, eu falo que não fiz, mas nem ouvem. Falam lá no Churrasquinho [barbeiro] que tenho que fazer filme disso, daquilo [...]. O Churrasquinho nunca veio, mas sabe do filme da romaria, mexeu com ele, ele é devoto (Entrevista concedida em 26/10/11).

A segunda iniciativa de produção audiovisual é de Marco Antônio Rezende. É o autor que mais realizou filmes neste período. Seu tema é quase sempre Cambuquira: Congada, Festa do Divino, o Cine Elite e a própria mostra já foram retratados por ele, que ao comentar seus trabalhos exemplifica: “Esse filme sobre a Congada talvez agora não tenha muito valor, mas daqui alguns anos vai ter” (Entrevista concedida em 10/11/2011). Entre seus curtas exibidos na

MOSCA estão:

O Esporte em Marcha (2009) trata-se de uma série de 40 minutos dos cinejornais que registraram os Jogos Olímpicos de Cambuquira. Pelo material de arquivo recuperado, foram apresentadas as imagens do período turístico e da elite financeira, que hoje contrasta com o cenário pacato da cidade. Segundo Marco Antônio, as imagens de torneios de tênis, grandes desfiles e muito público, tiveram muita repercussão já que os jovens contaram que tinham dificuldade em imaginar o passado efusivo que suas avós adoram contar.

Em *O Cine Elite* (2010), Marco Antônio faz uma colagem de imagens de arquivo de Dona Benedita e de filmagens atuais do Benedita Cineclubes que começou no mesmo ano no espaço da mostra.

O autor sempre teve o desejo de ser cineasta mas conta que era impossível pelo alto custo da produção em película. Questionado sobre o desejo de filmar Cambuquira, manifesta: “Eu tenho amor, raízes, eu não esqueço. Cambuquira foi muito boa naquelas épocas, então eu gostaria de colocar isso em filme, já que não tem como voltar mesmo [...]” (Entrevista concedida em 10/11/11).

O terceiro grupo realizador cambuquirense é representado por Raoni Castro. Dirigiu *Ninja Pandão – Missão Tequila* (2009), que define como ninja rural: “[...] a gente criou um garoto criado por pandas, mas não estão na China [...] eles não tem um estilo oriental, a gente não quis pôr isso. É um ninja na cidade do interior” (Entrevista concedida em 27/10/11). O autor que acaba de finalizar um novo curta, conta que filma pensando em seu público. Apesar de sua proposta assumidamente influenciada pela comédia hollywoodiana, a temática rural está colocada, e o intuito é fazer um “cinema pra todo mundo”, experimentando vários estilos. Ao falar de Cambuquira, Raoni afirma que o que o faz voltar à cidade, são os amigos e a natureza do local, mas não a cidade em si.

De algum modo, em todas as iniciativas autorais se reflete a expressão da própria identidade local. Falar sobre si é falar sobre a cidade instintiva ou objetivamente. Delson conta que está escrevendo um roteiro de curta sobre Cambuquira e seus personagens. Em sua observação, procura definir seu pertencimento ao custo de questionar o próprio olhar enquanto

autor e cidadão: “Se não se identificarem, aí vou sair de Cambuquira e falar que não sou cambuquirense, porque não consegui captar nada da cidade. [...] Tem chance [de não ocorrer identificação], mas isso me faz ser mais crítico, aprofundar mais, conversar mais com o povo” (Entrevista concedida em 26/10/11). Questionado sobre o que motiva a “dar um presente” a Cambuquira, como ele mesmo define a proposta, Delson define o audiovisual sob uma característica da cultura popular: “É um modo de contar uma história de todos sem ter que falar de boca em boca”.

Considerações finais

Não se deve identificar a tradição com os tradicionalistas. O tradicionalismo – não me refiro à doutrina filosófica, mas a uma atitude política ou sentimental que se resolve invariavelmente em mero conservadorismo – é, na verdade, o maior inimigo da tradição, porque se obstina interessadamente em defini-la como um conjunto de símbolos extintos.

José Carlos Mariátegui

Gabriel Lemes aponta o conservadorismo como uma das principais características da cidade e atribui a isso a estagnação econômica (Entrevista concedida em 2/11/11). O conservadorismo *versus* a expectativa de progresso pode ainda ser contraposto à um terceiro elemento, o entendimento da tradição sob o ponto de vista dialético. O fato do fazer ser mais importante que a obra comprova essa maneira de pensar a tradição e a própria história, já que o processo e a atitude são a meta. A relação dos autores e do público com os filmes mostra isso, mesmo que em alguns momentos as falas expressem o oposto. E é dessa relação interativa autor-espectador que surge a sensação de pertencimento (potencializada pelo cinema), e a nova ideia vigente (baseada em transformação), antes latente mas ainda presa ao tradicionalismo.

O desejo de parte da comunidade é ver novamente uma Cambuquira em referência àquele padrão hegemônico da classe dominante, perdido na segunda metade do século passado. Este grupo de autores, uma vez reconhecidos desta forma, são agora também detentores de meios de produção de conteúdo, e a partir disso, acabam se caracterizando enquanto grupo hegemônico da

comunicação na cidade, mesmo que retratem com frequência a cultura popular em seus filmes. Os elementos, ao serem analisados, interagem no contexto de uma forma que Martin-Barbero aponta ser necessário “prestar atenção à trama” uma vez que:

[...] nem toda assimilação do hegemônico pelo subalterno é signo de submissão, assim como a mera recusa não é o de resistência, e que nem tudo que vem “de cima” são valores da classe dominante, pois há coisas que, vindo de lá, respondem a outras lógicas que não são as da dominação (MARTIN-BARBERO, 2009, p. 114).

Os limites entre atitude transformadora, poder público, classe dominante e cultura popular são entrelaçados. O cinema cambuquirense localiza as relações de conflito, e as coloca nem sempre enquanto manifesto, mas sim com a naturalidade da vivência.

Os filmes cambuquirenses fizeram seus autores se reconhecerem enquanto grupo social ativo na mostra e na cidade. Em Cambuquira, estar ativo parece ser a melhor maneira de se expressar. A iniciativa em realizar algo é louvável por si só, e isso acontece pela insatisfação com a dita “estagnação” da cidade. A cultura popular marcada pela religiosidade e pelos rituais como Congada e Folia de Reis, definem a identidade local, mas nela parece nem sempre se enxergar o grupo hegemônico da cidade. A nova geração transpõe o conflito, mas jamais supera, ao misturar elementos dos dois grupos, se alimentando de conceitos hegemônicos, mas ao mesmo tempo reverenciando a cultura popular, e ao fazer isso, transforma o tradicionalismo em tradição, pois age sobre o fato.

FILMS FROM CAMBUQUIRA: AUTHORS, CULTURAL IDENTITY AND A SENSE OF BELONGING

Abstract: Hydromineral region, the town of Cambuquira was a touristic and elitist place till the middle of the last century, when began a decadence period that changed its context. Since 2005, the local audiovisual underwent transformations driven by a short films festival, and during this period, a group of authors emerged. Issues about cultural identity and belonging were discussed with the community through their films. This article looks forward to identify the audiovisual's potential as a process of transformation in the relation that people from Cambuquira has with their own traditions.

Keywords: *Cambuquira. Cinema. Identity. Popular Culture. Tradition*

Referências

- ARANTES, Paulo Eduardo. **Sentimento da Dialética na experiência intelectual brasileira:** dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- BRESCIA, Luis Renato. **Como fiz cinema em Minas Gerais.** Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1986.
- BERNARDET, Jean-Claude. **Historiografia Clássica do cinema brasileiro: metodologia e pedagogia.** 2ª ed – São Paulo: Annablume, 2008.
- BRANDÃO, Thomé; BRANDÃO, Manoel. **Cambuquira – Estância Hidro-mineral e Climática.** Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1958.
- COUTINHO, Eduardo Granja. Os sentidos da tradição. In PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (orgs). **Comunicação e cultura das minorias.** 2. ed. – São Paulo: Paulus, 2009. - (Coleção Comunicação)
- FERREIRA, Maria Nazareth. **Alternativas metodológicas para a produção científica.** São Paulo: CELACC-ECA/USP, 2006.
- GOMES, Paulo Emílio Sales. **Cinema: Trajetória no subdesenvolvimento.** 2. ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais.** Organização Liv Sovik – Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasil, 2009. (Notas sobre a Desconstrução do Popular) – tradução de Adelaine La Guardia Resende.
- LUNARDELLI, Fatimarlei. **A crítica de cinema em Porto Alegre na década de 1960.** – Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura / Editora da UFRGS, 2008
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

Filmografia

- 2006 - *Na Companhia de Caronte*, de Alexandre Felix e Delson Robson, 8', vídeo experimental, Cambuquira-MG.
- 2006 - *Cine Elite - Um Sonho Possível*, realizado pelos alunos da oficina 'Produção de documentário' durante a MOSCA 2. 13', documentário, Cambuquira/MG.
- 2007 - *Cris, Minha Cruz*, de Alexandre Felix, 8'30'', ficção, Cambuquira-MG.
- 2007 - *Os Irmãos do Rio Verde*, de Thiago Arbex e Emerson Rivello, 15'40'', documentário,

Três Corações-MG.

2007 - *Sinhá Prado*, realizado pelos alunos da oficina ‘Produção de documentário’ durante a MOSCA 3. 14’, documentário, Cambuquira/MG.

2008 - *Homeostase*, de Gabriel Lemes, 21’, vídeo experimental, Cambuquira-MG.

2009 - *O Esporte em Marcha*, digitalizado por Johnny Produções e Marco Antônio Rezende de Oliveira, 40’, documentário, Cambuquira-MG. (Material de arquivo de uma série de cinejornais dirigidos por Mário Filho e produzido por Milton Rodrigues em 1948/49).

2009 - *Em Uma Tarde de Abril em Cambuquira*, de Alexandre Felix, 5’20’’, documentário experimental, Cambuquira-MG.

2009 - *Ninja Pandão – Missão Tequila*, de Raoni Castro, 12’, ficção, Cambuquira-MG.

2009 - *Terras de Minas*, de Marco Antônio Rezende, série de vídeos de aproximadamente 1’ 30’, documentário, Cambuquira-MG.

2010 - *Chão e Fé*, de Alexandre Felix e Gabriel Lemes, 24’, documentário, Cambuquira-MG.

2010 - *O Cine Elite*, de Marco Antônio, 3’, documentário, Cambuquira-MG.

2010 - *Quase Concreta*, de Antonio Almeida, 1’16’’, vídeo experimental, Cambuquira-MG.

2010 - *Congada 2010 - o filme*, de Marco Antônio Rezende, 41’, documentário, Cambuquira-MG.

2010 - *6ª Festa do Divino Espírito Santo*, de Marco Antônio Rezende, 53’, documentário, Cambuquira-MG.

2010 - *Sessão de Abertura da MOSCA*, de Marco Antônio Rezende, 3’, documentário, Cambuquira-MG.

2011 - *A Semana de Bil*, de Raoni Castro, 25’, ficção, Cambuquira-MG.

Artigo recebido em abril de 2015.

Artigo aceito em maio de 2015.